




XVII ENANPUR

SÃO PAULO • 2017



A formação urbana da cidade de Itaperuna (RJ) e suas implicações sobre o Rio Muriaé

La formación urbana de la ciudad de Itaperuna (RJ) y sus implicaciones em el rio Muriaé

Rui Junio Fonseca dos Santos, Mestrando do PPG em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas/Universidade Federal Fluminense, ruijunio@id.uff.br.

Rafaela Gonçalves da Silva Durães, Mestranda do PPG em Desenvolvimento Regional, Ambiente e Políticas Públicas/ Universidade Federal Fluminense, rafaelareuel@hotmail.com.

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultados de pesquisa sobre a formação urbana da cidade de Itaperuna, município do estado do Rio de Janeiro, e suas implicações sobre o rio Muriaé a partir de levantamentos de dados históricos e pesquisa bibliográfica, durante o período de sua ocupação que ocorreu a partir da década de 1830, até os anos de 1990. O texto está estruturado em três partes: a primeira procura apresentar os resultados parciais da ocupação urbana, em particular a segregação socioespacial, vinculada à reprodução da força de trabalho articuladas a estrutura social, apresentando-se de caráter predominantemente econômico no município. A segunda parte procura esboçar as implicações da urbanização não planejada do município de Itaperuna sobre o rio Muriaé, com destaque, para os problemas da falta de saneamento e cheias, instalação de indústrias e residências no entorno do rio e desmatamento, entre outras questões com implicações ambientais e sociais colocando na ordem do dia o desenvolvimento sustentável. Destaca a importância das ONGs e movimentos sociais frente a incipiente iniciativa do Estado para a questão ambiental, e proteção do rio Muriaé demonstrando que a questão ambiental é uma problemática predominantemente social e política. Finalmente, o trabalho conclui que o enfrentamento do problema ambiental perpassa as questões de preservação e suas consequências estando mais relacionada com o posicionamento da sociedade frente ao problema da desigualdade social que aprofunda os problemas ambientais. Para o enfrentamento da problemática socioambiental seria necessário um desenvolvimento sustentável por parte do Estado, empresas e sociedade como um todo.

Palavras Chave: Formação, Segregação, Rio Muriaé, Itaperuna

RESUMEN

Este artículo presenta resultados de la investigación sobre la formación urbana de la ciudad de Itaperuna, estado de Río de Janeiro, y sus implicaciones en el río Muriaé a partir de encuestas de datos históricos y la literatura durante el período de su ocupación que se ha producido desde la década de 1830 hasta la década de 1990. El texto se divide en tres partes: la primera trata de presentar los resultados parciales de ocupación urbana, en particular, la segregación socio-espacial, vinculado a la reproducción de la estructura de la fuerza de trabajo articulado sociales, presentando carácter predominantemente económico de la ciudad. La segunda parte trata de esbozar las implicaciones de la urbanización no planificada de Itaperuna en el río Muriaé, en especial a los problemas de la falta de saneamiento y las inundaciones, la instalación de industrias y viviendas que rodean el río y la deforestación, entre otras cuestiones con implicaciones colocación ambiental y social en la agenda de desarrollo sostenible. Subraya la importancia de las ONG y los movimientos sociales a través de la iniciativa incipiente estado de los asuntos ambientales, y la protección del río Muriaé demostrando que la cuestión del medio ambiente es una serie de cuestiones predominantemente sociales y políticos. Por último, el documento concluye que, para afrontar el problema del medio ambiente impregna aspectos de la preservación y sus consecuencias más relacionadas con el posicionamiento de la parte delantera de la sociedad al problema de la desigualdad social se profundiza los problemas ambientales. Para hacer frente a los problemas sociales y ambientales requeriría un desarrollo sostenible por el Estado, las empresas y la sociedad en su conjunto. Texto do resumo em outro idioma (como o texto do resumo; máximo de 250 palavras)

Palabras Clave: La formación, la segregación, Río Muriaé, Itaperuna

INTRODUÇÃO

O espaço urbano é passível de mutação e poderá ser articulado e modificado conforme a atuação e interesses de grupos econômicos e políticos que integram o lugar. A formação do espaço urbano do município de Itaperuna está associada em grande medida a sua dinâmica econômica. A economia do café somada à construção da estrada de ferro, por exemplo, foi de suma importância para o alvorecer da cidade de Itaperuna que gozou de crescimento econômico e demográfico no período de 1880 a década de 1930 passando a ser mais urbana.

Independente da atividade econômica desenvolvida o que parece se confirmar é que o alto grau de concentração das atividades econômicas e da infraestrutura nos centros urbanos, do mesmo modo que, o padrão de localização dos diferentes segmentos sociais colabora para que o padrão urbano atual, predomine nos estudos sobre segregação socioespacial urbana, mesmo que não se apresentem plenamente em espaços socialmente uniformes.

Segundo Negri (2008), pensar o urbano através da organização espacial das classes sociais nos reporta a inúmeros problemas de ordem social, econômica, política e ideológica. Dentre eles, destacam-se: pobreza, miséria, violência, degradação ambiental e social, exclusão, desemprego, falta de moradia, favelização, periferação, segregação, insuficiência de transporte adequado, entre outros.

Nesse sentido, o presente trabalho busca entender a formação urbana da cidade de Itaperuna e como a segregação socioespacial se apresenta no município. Ainda, as implicações de ordem socioeconômica e ambiental sobre o rio Muriaé. Em particular a segregação socioespacial, está vinculada à reprodução da força de trabalho articuladas a estrutura social, apresentando-se de caráter predominantemente econômico no município. Procura esboçar as implicações da urbanização não planejada do município de Itaperuna sobre o rio Muriaé, com destaque, para os problemas da falta de saneamento e cheias, instalação de indústrias e residências no entorno do rio e desmatamento, entre outras questões com implicações ambientais e sociais colocando na ordem do dia o desenvolvimento sustentável.

Por último, o trabalho volta-se ao enfrentamento do problema e conclui que a problemática ambiental perpassa as questões de preservação e suas consequências estando mais relacionada com o posicionamento da sociedade frente ao problema da desigualdade social que produz e aprofundada os problemas ambientais.

FORMAÇÃO DO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE ITAPERUNA E A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL

Segundo Diniz (1985), a atual região de Itaperuna foi desbravada por José de Lannes Dantas Brandão a partir da década de 1830, mas, somente por volta de 1880 com o crescimento da cultura do café que se teve um maior número de pessoas interessadas em habitá-la. Com isso, em 1887, foi criada a vila de São José do Avaí tendo como sede o arraial de Porto Alegre. Entretanto, o reconhecimento eclesiástico só ocorreu quando se teve a doação de terrenos para a ampliação da única capela do município.

O café teve, posteriormente, uma relevância para o despontamento de Itaperuna no Estado do Rio de Janeiro e no Brasil (em torno de 1935), ganhando força política, econômica e urbana, possibilitando uma maior articulação entre a elite cafeeira regional e as elites políticas republicanas. Este produto foi trazido de Macaé (RJ) para a região, por volta de 1850, por Lannes

ainda no período do Império. Com isso, a agricultura de subsistência foi substituída pela agricultura comercial de renda de terra (PEREIRA JÚNIOR, 2015).

Para que tal atividade fosse viabilizada, a implantação de infraestrutura de transporte de mercadorias foi essencial, o que ocorreu com a extensão dos ramais ferroviários. A vila São José do Avaí passou por um expressivo crescimento econômico, demográfico e político impulsionado pelo café que, junto ao de Minas Gerais, era transportado pela estrada férrea para Campos e para a capital do Estado.

Com o intuito de fortalecer o desenvolvimento econômico e político do município, o Comendador José Cardoso Moreira doou terras para a elite já existente na região em busca da prosperidade da localidade. Por conseguinte, a elite conseguiu alcançar sua meta e houve uma ampliação da importância administrativa da vila e, em 10 de maio de 1889, foi elevada à categoria de cidade, passando se chamar Itaperuna. Este nome foi escolhido pelo doutor Francisco Portella, médico da prefeitura de Campos e presidente da Estrada de Ferro Carangola que passava pela cidade.

De acordo com Rodrigues, Seufitelli e Miranda (2013), a cidade se desenvolveu as margens do rio Muriaé e, sobretudo, ao longo da estrada de ferro. Entretanto, a população pobre, sendo muitos deles escravos/ livres e camponeses, se espalhou pela margem direita do rio, sendo o primeiro núcleo chamado de Niterói, uma analogia ao município fluminense.

Estes pobres, em sua grande parte, vinham da zona rural em busca de trabalho na cidade e assumiram atividades econômicas, como: açougueiros, sapateiros, ferreiros e outras atividades consideradas autônomas.

Deste modo, de acordo com o pensamento de Castells (1978), a segregação sócio-espacial está relacionada à reprodução da força de trabalho que são articuladas a estrutura social.

Para que não houvesse uma relação mais próxima entre os ricos e os mais pobres no mesmo espaço (sobretudo na parte de cima da linha férrea), esta elite não permitiu, pela influência política, que fossem construídas casas consideradas mais simples próximas a elas. Deste modo, os pobres foram construindo suas casas próximas às margens do rio.

A ligação entre o centro e este novo espaço urbano era feito através de balsa fora dos limites legais do município. Em 1893 foi inaugurada uma ponte de madeira que substituiu a balsa, por conseguinte, proporcionou o aumento demográfico do bairro Niterói (PEREIRA JÚNIOR, 2015). O outro espaço urbano criado para acolher os excluídos da margem da estrada de ferro foi o bairro Vinhosa.

Portanto, percebe-se a formação histórica da segregação espacial da cidade de Itaperuna, sendo definida pela elite local, sendo uma segregação com caráter econômico.

Figura 1. A Elite de Itaperuna (RJ) e a Estrada de Ferro Carangola – Campos. Fonte: Estações Ferroviária do Brasil, site, 2016.

Após, uma maior autonomia econômica e política de Campos dos Goytacazes estimulada pela riqueza advinda do café. A cidade de Itaperuna passou a aderir em seu espaço urbano à elite agrária que antes morava, em sua maioria, no campo. A Avenida Cardoso Moreira tornou-se o reduto desta nova elite urbana.

Figura 2. Avenida Cardoso Moreira na primeira década do Século XX. Fonte: Itaperunaonline, site, 2016.

Segundo Negri (2008), a segregação não é somente espacial, mas também, social, pois a renda, o tipo de ocupação e o nível de educação também são fatores importantes para esta análise. Logo, há uma segregação residencial da sociedade ocasionada pela diferença econômica. Esta foi uma realidade importante de se destacar na cidade de Itaperuna.

Figura 3. Avenida Cardoso Moreira no centro de Itaperuna e a ocupação da elite no morro do Castelo. Fonte: Autoria Central Foto, Itaperuna, cartão postal, 1957.

Com a alta produção cafeeira e com o término da construção da Estrada de Ferro, houve um importante crescimento econômico e demográfico, tornando o município de Itaperuna o maior produtor de café do país na década de 1920 produzindo cerca de 277.355 sacos. Enquanto o segundo produzia 200.133 sacos na região de Carangola, Minas Gerais (PEREIRA JÚNIOR, 2015).

Esta dinâmica econômica atraiu muitas pessoas da região do norte fluminense e do Espírito Santo e de Minas Gerais para a cidade de Itaperuna elevando sua população. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população que em 1900 era de aproximadamente de 39.187 em 1920 chegou a 90.807. Com isso, deu-se um impacto significativo no espaço urbano desta cidade que começou a ser cada vez mais urbana.

Com o declínio do café a partir de 1930, os latifundiários passaram a focar suas atividades econômicas na pecuária e na produção de leite. Assim, esta nova atividade substituirá a importância do café, investindo agora, na atividade agroindustrial.

Neste mesmo contexto histórico, Vargas assume o poder e inicia o processo de integração nacional pelas rodovias, diminuindo, portanto, a importância da ferrovia no país. Em 1946 é inaugurado o Terminal Rodoviário de Itaperuna na região norte da cidade, ampliando sua extensão habitacional, também, nas proximidades desta região é criada a destilaria de álcool. Posteriormente, esta construção será substituída pela fábrica de laticínios chamada de CAPIL em forma de cooperativa para atender as necessidades dos produtores locais.

Nas proximidades do Terminal Rodoviário e desta cooperativa terá uma mudança no espaço urbano com o loteamento Cidade Nova e o bairro Lions, este último para atender as necessidades dos operários que trabalhavam na fábrica de laticínios.

De acordo com o pensamento de Negri (2008), é pela classe dominante que possui a maior renda, ao consumir e valorizar de forma diferenciada o espaço urbano produz a segregação socioespacial. Eles controlam e produzem o espaço nas cidades pelos seus interesses.

Deste modo, no centro da cidade foi criado espaços de lazer para a elite itaperunense como o Tênis Clube. Enquanto no novo espaço urbano, no loteamento Cidade Nova foi criado o Itapuã

Clube para atender a classe operária. Compreende-se nesta realidade a segregação de lazer e socialização na cidade.

Com a chegada de Padre Humberto Lindelauf, a cidade de Itaperuna passou por mudanças importantes marcadas também pelo empreendedorismo. Este padre é de origem alemã, nascido em 1910 na cidade de Aachen. Ele era formado em arquitetura e engenharia civil, lecionava disciplinas como matemática, química, línguas e música.

Veio para o Brasil devido a Segunda Guerra Mundial e em 24 de outubro de 1947 assumiu a Matriz São José do Avahy localizada no centro da cidade, tendo em torno dela a elite. Entretanto, construiu igrejas católicas em bairros ocupados pelos operários como o Lions, onde foi edificada a Igreja Santa Rita de Cássia, no bairro Niterói (à margem esquerda do Rio Muriaé) em que foi construída a Igreja São Benedito e o bairro Vinhosa (um bairro historicamente popular) em que foi edificada a Igreja Nossa Senhora de Fátima.

Construiu em bairros periféricos o Asilo Santo Antônio dos Pobres e o Patronato. No centro da cidade foram construídas o Monumento do Cristo Redentor (na parte mais alta – pensando no turismo), o Educandário São José, a Faculdade de Filosofia de Itaperuna (pensando na educação) e o Hospital Regional de Itaperuna (pensando na saúde). Além, de trazer pela sua influência para cidade a Companhia Telefônica de Itaperuna.

Logo, com seu trabalho o espaço urbano foi sendo modificado na arquitetura, na construção civil, na educação, na saúde e nos símbolos da cidade como o Cristo Redentor. Em agosto de 1969, retornou para a Alemanha morrendo dois meses depois.

Na década de 1960, o governo estadual irá construir uma filial do Hospital Miguel Couto - HMC em Itaperuna. Entretanto, com problemas financeiros a inauguração não correrá, sendo doado o edifício para a Conferência São José do Avahy (legado do Padre Humberto Lindelauf) que transferirá seu hospital para o que seria a filial do HMC.

Com isso, a cidade irá se tornar o grande polo de saúde da Região Noroeste. Consequentemente, ao redor do hospital serão edificadas casas voltadas para a elite, formadas por agropecuaristas e médicos (estes, na maioria das vezes, também eram proprietários de terras). Esta classe terá grande influência política e socioeconômica até os dias atuais no município e região.

As maneiras como as classes se distribuem no espaço urbano dependem do acúmulo de capital individual que cada um consegue ter. Morar um bairro popular não depende somente de suas características culturais, étnicas ou raciais, mas da reprodução da força de trabalho que o capital precisa para reproduzir-se. A segregação não é simplesmente e somente um fator de divisão de classes no espaço urbano, mas também um instrumento de controle desse espaço. (NEGRI, 2008, p. 135)

Compreende-se, portanto, que a organização do espaço urbano é influenciado pelo acúmulo do capital individual e da divisão social do trabalho, tendo a classe dominante o controle e a manipulação deste espaço. Na realidade itaperunense, a classe médica foi se tornando a classe dominante do território que influencia todas as esferas de poder democrático e econômico. Por isso, muitos dos prefeitos foram médicos ou apoiados por esta classe.

De acordo com Pereira Júnior (2015), a cidade de Itaperuna passou por um período importante de transição do capital agrário para o capital médico. Não houve uma ruptura com os latifundiários, mas sim, uma rearticulação e uma transferência de poder setorial, pois muitos dos médicos eram

filhos de fazendeiros e estes investiram na formação deles e dos setores imobiliários.

A cultura da elite rural foi sendo trazida para dentro da área urbana de Itaperuna, pois, em 1954, foi implantado um bairro com uma conexão mais rápida entre a capital do estado e as elites, criando um aeroclube. Nas proximidades foram loteadas áreas com características de chácaras.

Em contraponto a esta realidade, em 1975, foi criado um conjunto habitacional (sem muita infraestrutura) chamado de CEHAB, através do Banco Nacional de Habitação, como uma política pública para atender as necessidades da classe mais pobre da cidade. Por isso, segundo Negri (2008, p. 136), “a maioria dos investimentos públicos é voltada para bairros da classe de mais alta renda e, como os bairros da classe de baixa renda localizam-se em sua maioria longe dos centros (...), os investimentos públicos acabam chegando de maneira precária”.

Ao longo do século XX e, especialmente, no século XXI, o bairro CEHAB passa por uma importante transformação sendo subdividido. Com esta subdivisão surge a CEHAB alta e a CEHAB baixa (estendendo até o LIONS), esta última tem mais investimentos de infraestrutura e com a especulação imobiliária há valorização desta área recebendo a classe rica vinda do centro da cidade. Por conseguinte, houve um aumento da infraestrutura, melhoria na rede de educação e saúde.

Entretanto, na parte deste bairro que foi ocupado pelo conjunto habitacional foi permanecendo construções mais simples habitando pessoas com menor renda.

Os loteamentos Presidente Costa e Silva e João Bedim, ambos de um mesmo herdeiro, são novas ocupações urbanas resultado das instituições de educação tanto do ensino básico quanto do ensino superior. Próximo a esta área encontra-se o Morro do Doutor Edgar, com casas de alto padrão.

Devido ao rio Muriaé ter constante enchentes, áreas nas proximidades do hospital que está mais baixo do nível do rio sofrerão com constantes inundações. Em 1987, é inaugurada uma ponte que ligará o centro da cidade com o bairro Niterói. Entretanto, uma parte do bairro que antes era voltado os menos favorecidos será ocupado pela classe médica, especialmente, um morro que, hoje, é chamado de Morro dos Médicos.

Figura 4. Morro dos médicos. Fonte: Gláucia Cristina

Esta foi uma ocupação urbana estratégica, uma vez que muitos da classe médica sofriam com as inundações provocadas pelo rio foi encontrado um localização que é perto do centro e do hospital que as águas das enchentes não poderiam chegar. Novamente, entende-se que a o espaço urbano é definido ou redefinido pela classe dominante.

Muitos problemas das economias nos países dependentes se traduzem em dificuldades concretas para o dia-a-dia dos seus habitantes. A possibilidade de acesso à moradia, está subordinada ao nível salarial e a Divisão Social do Trabalho imposta pela economia capitalista onde tudo, inclusive a terra torna-se mercadoria (RAUBER; LEME, 2009, p. 5)

Enfim, Negri (2008), argumenta que a segregação neste âmbito urbano quer dizer diferenciação de renda real, proximidades a infraestrutura, melhores serviços educacionais e distância de problemas como a violência e outros crimes. Esta diferenciação residencial deve ser interpretada pelas chances desiguais de ascenderem socialmente. Compreende-se, portanto, que a formação do espaço urbano itaperunense foi visivelmente marcado pela segregação socioespacial devido a questões econômicas.

AS IMPLICAÇÕES DA URBANIZAÇÃO DE ITAPERUNA SOBRE O RIO MURIAÉ

Ao longo do século XX, o município tornou-se extremamente urbano e, atualmente, segundo dados do IBGE (2010), a população urbana corresponde a 89%.

Por consequência de um crescimento sem planejamento, Itaperuna tem enfrentado problemas em relação à falta de saneamento básico, inclusive, córregos que saem de diversos bairros chegam ao rio Muriaé sem nenhum tratamento. Um dos maiores problemas ambientais que a cidade enfrenta são as cheias que ocorrem, especialmente, mas, não exclusivamente, no período do verão.

Segundo Diniz (1985), grandes cheias aconteceram em vários anos sendo as que acarretaram transtornos foram as dos anos de 1841, 1896, 1906, 1909, 1916 e 1943. Todavia, as cheias que causaram as piores catástrofes foram as dos anos de 1979 e 1997, levando as autoridades do município a decretar Estado de Calamidade Pública. Ainda nos anos de 2008 e 2012 a cidade passou pelas últimas cheias, mas não tão grave como a de 1979 e 1997.

Com isso, se teve muitos desabrigados e muitas casas destruídas pela força do rio, sobretudo, as que ficam a margem dele.

De acordo com Oliveira (2006), a ocupação urbana foi feita de forma desordenada com obstruções de valões e córregos e de lançamentos de esgoto e lixo no próprio rio. Por conseguinte, elevou os problemas das cheias do rio Muriaé, uma vez que houve muitas construções de casas, principalmente, em áreas onde rotineiramente ocorria, de forma natural, o avanço do rio nos períodos de cheia.



Figura 5. Enchente em Itaperuna (RJ), um dos impactos da formação urbana sem planejamento. Fonte Itaperuna Notícias, site, 2008.

O Rio Muriaé nasce no município de Mirai na Serra das Perobas tendo uma extensão de 295 km e sua foz é em Campos dos Goytacazes, sendo um importante afluente do Rio Paraíba do Sul. O rio Muriaé banha os estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro, por isso, cidades como Mirai (MG), Patrocínio do Muriaé (MG), Laje do Muriaé (RJ), Italva (RJ), Cardoso Moreira (RJ) e Itaperuna (RJ) dependem muito dele em diversos âmbitos.

Autores ressaltam que “A história da humanidade tem nos mostrado que a importância dos grandes rios vai além das suas águas, molda também a cultura, a economia, as relações sociais etc” (MAGRO; RENK; FRANCO, p. 9, 2015). Sendo assim, a importância deste rio para Itaperuna é significativa, porque é dele que a cidade coleta água para o abastecimento dos cidadãos e das indústrias.

É igualmente de grande importância para o agronegócio através da irrigação das plantações como a do tomate e recentemente para a fruticultura. A captação de água é realizada pela Companhia Estadual de Água e Esgoto – CEDAE.

Segundo Souza e Berna (1988), ao longo do século XX, os fazendeiros e as indústrias da região tiveram um comportamento tipicamente extrativista, não se dedicaram a preservação do ambiente, tendo unicamente como foco o crescimento econômico. A consequência foi o desmatamento ao longo do rio e o afastamento ou a ausência de animais típicos da região.

Logo, a mata ciliar foi prejudicada, pois tem a função de preservar as margens do rio da erosão e do assoreamento, uma vez que funciona como uma rede e um filtro que retém os sólidos carregados pelas chuvas, e ao serem depositados nos leitos reduzem a profundidade dos rios. A outra importância da mata ciliar é a de constituir uma microrregião ambiental que dá abrigo para animais e plantas.

Por causa da realidade do crescimento demográfico e por causa do desenvolvimento econômico próximo ao Rio Muriaé, somente na cidade de Laje de Muriaé é que se possui uma pequena mata ciliar nativa e eficiente (SOUZA e BERNA, 1988).

Segundo Oliveira (2006), por causa das residências e das indústrias localizadas próximas ao rio, um dos maiores desafios ambientais da cidade de Itaperuna está na construção de um eficiente sistema de saneamento básico para se obter uma melhoria na esfera socioambiental.

Por isso, que a Organização Não Governamental – ONG denominada Puri trabalha com afinco na cidade, sobretudo, para proteger o rio Muriaé. Esta organização atua também na capacidade de sensibilizar a mídia na denúncia de problemas ambientais e de construir parcerias com população em busca de uma qualidade de vida (OLIVEIRA, 2006).

Deste modo, movimentos, associações e ONGs tem ganhado muito espaço no campo da articulação sociopolítica. Tanto no âmbito nacional quanto no âmbito internacional, eles conseguem pressionar governos e entidades com cunho mundial para criar e implementar políticas voltadas para o meio ambiente.

Conforme Ribeiro e Sauer (2012), a questão ambiental é uma problemática predominantemente social e política. Tem caráter social porque o homem se constitui neste espaço fazendo parte do meio ambiente, portanto, convivendo com outros seres vivos e, também, tem caráter político pelo fato de depender muito das decisões e ações políticas.

Logo, a questão ambiental não se limita ao caráter de preservação e suas consequências, mas, inclui a relação que a sociedade tem com o meio que vive e os enfrentamentos dos problemas, como a da desigualdade social.

A problemática do ambiente nas cidades estaria, assim, condensada na busca da apreensão dos chamados “impactos ambientais urbanos” – perturbação do processo de mudança socioecológica que altera a estrutura do espaço. Haveria de se considerar analiticamente a diferenciação social no processo de transformação ambiental, caracterizado por diferentes tempo-espacos sociais (ASCELRAD, 2001, p. 29).

Compreende-se, portanto, que esta situação tem gerado um desgaste da vida humana e tem aumentado a desigualdade social. Segundo Ascelrad (2001), a raiz da degradação do meio ambiente seria a mesma da desigualdade social, pois as principais vítimas da degradação ambiental são os mais pobres.

Isto é bem perceptível na história do próprio município de Itaperuna em que os pobres foram construindo suas casas às margens do rio Muriaé pelo fato de não poderem estabelecer-se às margens da ferrovia, lugar destinado à elite. Com isso, surgiram bairros sem planejamento e sem estrutura bem próximo ao rio. Estes são os primeiros a sentirem quando ocorrem as sérias enchentes que marcam a história do município.

Segundo Ribeiro e Sauer (2012 *apud* ONU, 1983), para o enfrentamento desta problemática socioambiental é necessário o desenvolvimento sustentável. De acordo com a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento criada pelas Nações Unidas (2012 *apud* ONU, 1983), significa satisfazer as necessidades da geração atual sem comprometer as gerações futuras e, ainda, de desenvolver socialmente e economicamente sem agredir o meio ambiente, portanto, tendo o uso racional dos recursos naturais.

Deste modo, espera-se ter um desenvolvimento para a melhoria da condição da vida humana, tendo como foco a integração entre o ecológico e social. Consequentemente, as empresas privadas e o setor público precisam cada vez mais assumir uma responsabilidade socioambiental

para diminuir ainda mais os impactos negativos sobre o meio ambiente que ocasiona sérios problemas para o homem e sua vida em sociedade.

Assim, o ser humano não está isento de sua responsabilidade, porque ele também precisa ter compromisso com o bem-estar de todos, ou seja, não se deve pensar exclusivamente em si mesmo, mas no todo.

Por fim, conforme Ribeiro e Sauer (2012), não se deve colocar toda a culpa no pobre, ele é apenas um reflexo de um sistema produtivo que impulsiona o uso desordenado dos recursos naturais. A classe mais pobre, pela busca da sobrevivência, faz o uso intensivo dos recursos naturais, mas, o real foco deste problema está na estruturação das políticas sociais e econômicas do sistema vigente e não na pobreza em si.

CONCLUSÃO

Com o crescimento da cidade de Itaperuna, muitos moradores do campo e ex-escravos mudaram para a área urbana com o intuito de buscar trabalho, como: açougueiro, sapateiro e outras atividades autônomas. Estas pessoas mais pobres passaram a habitar as margens do rio Muriaé denominado de bairro Niterói, pois com a vinda da elite para cidade que antes também morava no campo, construíram seus casarões próximos a linha férrea, na região central.

Com a força política e econômica que possuíam impediram que moradores pobres construíssem casas próximas a eles. Logo, a classe pobre passou a morar na outra margem do rio. Iniciando o processo de segregação socioespacial que em Itaperuna tem um caráter econômico.

Com o fim do período áureo do café, o município passou a investir na agropecuária, emergindo a necessidade de criar indústria (CAPIL), sobretudo, para a industrialização dos derivados do leite. Deste modo, amplia-se a ocupação de regiões distintas da parte central, próxima à linha férrea, e da margem do rio.

Esta ampliação ocorreu devido à necessidade de atender os trabalhadores da indústria. Deste modo, surgiram outros bairros como o LIONS, um espaço dedicado, especialmente, para os operários. Posteriormente, próximo ao LIONS, foi criado o bairro CEHAB como uma política pública de habitação voltada para os mais pobres da cidade, um bairro sem infraestrutura e sem serviços públicos, mas, que mais tarde é subdividido e ganha infraestrutura sendo valorizado para atender a elite que não queria mais morar no centro. Compreende-se, que o espaço urbano é manipulado de acordo com os interesses da classe dominante (NEGRI, 2008).

Este processo de urbanização gerou impactos sobre o rio Muriaé devido a um crescimento sem planejamento que resultou em problemas como a falta de saneamento básico como no caso das pessoas que residem às margens do rio, uma vez que eles lançam diretamente dejetos sobre ele. E devido aos córregos que saem dos bairros mais distantes que também coletam os dejetos das casas sem tratamento lançando-os sobre o rio sem ter um processo de despoluição.

Esta realidade agravou problemas antigos que a cidade tinha com a enchente, sendo os ribeirinhos os mais atingidos. Segundo Ascerald (2001), as principais vítimas da degradação ambiental são mais pobres devido à desigualdade social.

O rio Muriaé tem um valor incalculável para o município. Entretanto, há décadas que ele não é preservado e nem recebe investimento para despoluição. Tem-se ainda uma visão tipicamente extrativista deste recurso natural com um único foco: crescimento econômico. Por isso, que a ONG Puri trabalha com afinco para tentar preservá-lo.

Finalmente, compreende-se na cidade de Itaperuna a organização do espaço foi influenciada pelo aspecto econômico em que a elite manipulava a organização espacial. Isto refletiu até mesmo sobre o meio ambiente, especialmente, sobre o rio Muriaé.

TÍTULO REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. A duração das cidades: sustentabilidade e risco nas políticas urbanas. 2. Ed. Rio de Janeiro. Lamparina, 2009. Pp. 7-70.
- CASTTELS, Manuel. La Cuestión Urbana. Madrid: Siglo Veintiuno, 1978.
- DINIZ, Dulce. O desenvolver de um município: Itaperuna, RJ. Damadá Artes Gráficas, 1985.
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico, 2010. [online] Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?codmun=330220>. Acessado em 11 de maio de 2016.
- MAGRO, Márcia; RENK, Arlene; FRANCO, Gilza (org). Impactos socioambientais da implantação da hidrelétrica Foz do Chapecó. Chapecó: Argos, 2015.
- NEGRI, Silvio Moisés. Segregação sócio-espacial: alguns conceitos e análises. Coletânea do Nosso Tempo, v. 8, nº 8, p. 129 – 153, ano VII, 2008. Disponível em: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&src=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwjTkI6Tx8vQAhWBGZAKHskLDVgQFggdMAA&url=http%3A%2F%2Fperiodicoscientificos.ufmt.br%2Ffojs%2Findex.php%2Fcoletaneas%2Farticle%2Fdownload%2F108%2F99&usq=AFQjCNH9wETdYuiCOBSAgRkfr8xRgafQQA&sig2=xFHI2CapzK-l3vU8hHADxw>. Acessado em: 28 de novembro de 2016.
- OLIVEIRA, Julio Cezar Pinheiro. Analisando os impactos da relação Estado-sociedade civil sobre a democratização das políticas ambientais municipais em Itaperuna. 2006. 55 f. Trabalho (Graduação/Especialização) – Centro de Ciências do Homem, Universidade Estadual do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2006. Disponível em: http://www.institutomilenioestuarios.com.br/pdfs/Monografias/5_OliveiraJCP2006Estado.pdf. Acessado em: 11 de maio de 2016.
- PEREIRA JÚNIOR, Arthur Rodrigues. ITAPERUNA (RJ) NO CONTEXTO REGIONAL NO NOROESTE FLUMINENSE: UM MOVIMENTO ENTRE A CENTRALIDADE E A DESCENTRALIDADE, 2016, 160f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Regional e Gestão de Cidades) – PPG UCAM, Campos dos Goytacazes, 2015.

- RAUBER, Francisco; LEME, Ricardo. Segregação sócio-espacial e violência urbana. TOLEDO: UNIOESTE, 2009. Disponível em:
<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1973-8.pdf>. Acessado em: 28 de novembro de 2016.
- RIBEIRO, Edaléa Maria; SAUER, Mariane. Meio ambiente e Serviço Social: desafios ao exercício profissional. Revista Texto e Contexto, Porto Alegre, v.11, nº 2, p. 390 – 398, ago./dez.2012.
- RODRIGUES, Arthur; SEUFITELLI, Jefferson; MIRANDA, Elis. Evolução territorial de Itaperuna (RJ): da formação da cidade à centralidade regional. In: XII SEMINÁRIO DE INTEGRAÇÃO DA UNIVERSIDADE CÂNDIDO MENDES., 2013, Campos dos Goytacazes, 2013. Disponível em:
<http://seminariodeintegracao.ucam-campos.br/index.php/edi%C3%A7%C3%B5es-antiores/edi%C3%A7%C3%A3o-2013.html>. Acessado em 6 de abril de 2016.
- SOUZA, Flávio Lemos; BERNA, Vilmar. O Rio Muriaé e sua ecologia: geografia e história. Itaperuna: Damadá, 1988.